

European Nazarene
Bible College
Library

*O ARAUTO
da SANTIDADE*

ABRIL,
1987



APARECEU A SIMÃO

Há momentos em que não queremos ser encontrados. Simão Pedro vivia um deles.

"Saindo dali, chorou amargamente" (Mateus 26:75).

Todas as palavras do verso são penosas. Ele saiu do círculo dos homens porque tinha medo e sentia vergonha do seu próprio fracasso. A alta visibilidade desse

homem na companhia dos discípulos amplificava o grito denunciador da sua traição a Cristo. A sociedade pode ser cruel para com o caído. Na antiga fábula do leão moribundo, até o burro aparece para coicear o enfermo, um insulto que o rei da floresta se recusou a aceitar.

A semana da paixão tinha tido o seu quinhão de dedos apontados a Pedro. Criados amedrontaram-no com a insinuação de que ele pertencia

ao círculo do Nazareno. Até um galo importuno bicara a sua consciência, sacudindo-a do sono em que a mentira a embalara.

Sair, correr para longe, é o verbo dos atemorizados. Pedro via espectros nas sombras da sua noite espiritual. Como o Salmista, teria desejado "as asas da alva...

habitar nas extremidades do mar" (139:9), num ostracismo perpétuo. Mas para onde fugirá alguém de si próprio? Pedro viu-se espelhado na consciência de Pedro. Como a pessoa deformada que se mira ao espelho, o Pescador não gostou do que viu. Por isso, chorou.

Carpia pela sua própria alma, traduzindo em torrente emocional a incapacidade de dar o dito por não dito e apagar o registo comprometedor

do seu passado.

Se a Bíblia não tivesse qualificado as lágrimas de *amargas*, não faltaria quem visse nelas uma válvula de escape, uma espécie de ritual purificador da vida manchada. Mas há fel nas lágrimas de Pedro. Ele não só deseja afastar-se de todos os homens mas, acima disso, descreve que qualquer homem venha a estar genuinamente interessado em encontrá-lo.

Há tempos perdeu-se um mareante. Barcos e helicópteros foram despachados a procurá-lo. Mas caiu a noite e desabou a tormenta. A notícia da rádio foi tão lacônica quanto amarga: "Suspendeu-se a busca". De certo modo, Pedro teria tido essa sensação vazia de que a busca à sua alma fora suspensa e de que todas as mãos redentoras tinham desaparecido nas asas da tempestade. É neste cenário que vibra como um raio a notícia: "Ressuscitou verdadeiramente o Senhor, e já apareceu a Simão" (Lucas 24:34).

A glória da Páscoa é hoje celebrada com festejos internacionais de grande esplendor. Procissões, cantatas, peças dramáticas, pronunciamentos solenes pela rádio e televisão, marcam a efeméride e reúnem em templos as maiores congregações do ano. Mas, em todo o aparato, não percamos de vista este milagre privado da Páscoa, o seu apelo maior para o indivíduo no fel da amargura: Jesus apareceu ao desaparecido! *Ressuscitou verdadeiramente o Senhor e já apareceu a Simão.* □

—JORGE DE BARROS



JESUS — “AJUDADOR” OU SENHOR SOBERANO?

Um recente anúncio de televisão apresentou um “acepipe especial” empacotado e pré-cozinhado. Mostrava a mãe com tudo em ordem, completamente à vontade e pronta para servir convidados. Em seguida, a câmara focou dois filhos pequenos que rejubilavam com orgulho: “E nós ajudámos”.

Muitas vezes relegamos Cristo a um papel secundário, insignificante e inútil dum “ajudador” nominal, quando o Seu verdadeiro lugar é de Senhor Soberano.

Podemos ter, pelo menos, um desejo superficial de que seja feita a vontade do Senhor. Mas continuamos a determinar por Ele a Sua vontade. É fácil avaliar por nós próprios a solução para qualquer problema e, depois, pedir: “Senhor, ajuda-nos a encontrar a solução”.

Isto acontece na nossa *vida pessoal*. Surgem problemas financeiros, domésticos, físicos e emocionais. Examinamo-los cuidadosamente e concluímos como serão resolvidos. Depois “informamos” Deus e procuramos a Sua “ajuda” para fazer as coisas correctamente.

Isto acontece nas nossas *relações corporativas e comunitárias*. Vamos à frente de Deus, esboçamos o plano e depois esperamos a assistência divina. Seminários para resolver problemas, conferências sobre administração, cassetes, palestras e livros sobre liderança decisiva levam-nos a resolver os assuntos por nossas próprias mãos. Tendo delineado o plano de acção, pedimos a Deus que o torne bem sucedido.

É triste dizer que isso acontece nos *círculos eclesiásticos*. Tanto o método como o resultado são com frequência ditados a Deus. Os desafios na igreja local e a nível distrital e geral são examinados, separados, revistos e estudados com o propósito de corrigir a situação. Depois pedimos a Deus que abençoe o nosso “programa”, apoie o nosso plano e nos “ajude” a ter êxito na busca do alvo.

Visto tratar-se duma caracterização correcta da igreja, nós estamos a proceder exactamente em sentido contrário. O primeiro é discernir a vontade e o plano de acção de Deus e, em seguida, oferecer-nos como instrumentos para cumprir o Seu propósito.

A nossa forma “inversa” de “resolver problemas” pode surgir dum falso conceito de Deus. Ele não é

um mensageiro celestial pronto a executar todas as nossas ordens e a satisfazer os nossos desejos. Ele não espera pôr o selo de aprovação nas actividades que nós planeamos fora da Sua orientação. Antes, Ele é Deus, conhece todos os detalhes da situação que nós enfrentamos e retém na mente, coração e mãos o plano e os recursos para o rectificar.

Não é bíblico declarar que devemos “edificar a Igreja de Cristo”. Nada disso aparece no Novo Testamento. Jesus declarou: “Edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mateus 16:18). A Igreja, o Seu Corpo, pertence-Lhe. Nós somos apenas Seus “ministros”, “servos”, “colaboradores”, “ajudadores”. A missão do Senhor não é simplesmente instruir-nos a esboçar o programa para edificar a Sua Igreja. Antes, nós somos privilegiados e comissionados para O ajudar.

Nada do que aqui se disse pretende desprezar o planeamento antecipado, o programa efectivo ou a organização eficiente. Tudo é para realçar que a primeira coisa a fazer-se é procurar a face de Deus. Quando este passo mais óbvio é omitido, corremos o risco de não alcançar a vontade de Deus.

Por sermos crentes e a nossa vontade, em geral, concordar com a Sua, admitimos—algumas vezes erradamente—que aquilo que nós queremos num caso específico é o que Ele quer. A nossa acção consequente pode ser devastadora. Apenas conseguiremos evitar este resultado trágico através da oração urgente e do exame miculoso de desejos pessoais em descobrir quaisquer motivos egoístas, da fidelidade à Palavra de Deus e da decisão de centrar o nosso olhar em Cristo. Juntamente com estas coisas, ajuda “ouvir mais alto” Deus e os nossos pais espirituais.

Não ofendamos o Mestre subordinando-O a nível de simples “ajudador”, assistente dos nossos projectos. Reconheçamo-IO por quem é e permitamos-Lhe ser Senhor Soberano da nossa vida e da Sua Igreja. □

—JOHN A. KNIGHT
Superintendente Geral



O ARAUTO da SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS
DA IGREJA DO NAZARENO

Volume XVI—Número 4
Abril, 1987



BENNETT DUDNEY, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE é membro da
EPA (Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-370,
é publicado mensalmente por **Publicações
Internacionais** e impresso pela **Casa Nazarena
de Publicações**, 2923 Troost Ave., Kansas City,
Missouri 64109, E.U.A. Toda a correspondência
respeitante a subscrições deve ser endereçada
a Publicações Internacionais, 6401 The Paseo,
Kansas City, Missouri 64131, E.U.A. Direitos
reservados (1987) pela Casa Nazarena de
Publicações. Preço da subscrição anual:
US\$4.00. Aceite como correspondência de
segunda classe em Kansas City, Missouri, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE, USPS 393-370,
is published monthly by **Publications
International**, printed at the **Nazarene
Publishing House**, 2923 Troost Ave., Kansas City,
Missouri 64109. Editorial offices at 6401 The
Paseo, Kansas City, Missouri 64131. Address all
correspondence concerning subscriptions to
Publications International, 6401 The Paseo,
Kansas City, Missouri 64131. Copyright (1987)
by Nazarene Publishing House. *Postmaster:*
Please send change of address to O ARAUTO
DA SANTIDADE, 6401 The Paseo, Kansas City,
MO. 64131. *Subscription price:* US\$4.00 per
year. Second-class postage paid at Kansas City,
Missouri, U.S.A.

Fotos:

Capa — J. Barros; p. 5, 14, 15 — H. Roberts
p. 16, 17 — Luoma; p. 10, 11 — M. Steyle
p. 23 — P. Skiles; p. 27 — R. Maust.

NESTE NÚMERO

APARECEU A SIMÃO	2
<i>Jorge de Barros</i>	
JESUS—"AJUDADOR" OU SENHOR SOBERANO?.....	3
<i>John A. Knight, Sup. Geral</i>	
PALMAS E CRUZES	5
<i>W. E. McCumber</i>	
DOIS TÚMULOS EMPRESTADOS	6
<i>Ross W. Hayslip</i>	
O REI ESTÁ VIVO!	7
MORRER E VIVER	8
<i>Roberto Manoly</i>	
"MINISTÉRIO"	9
<i>Robert H. Scott</i>	
"EIS AQUI O HOMEM!"	10
<i>Cristian Chirinos</i>	
A FIGUEIRA DOS MEUS AVÓS	11
<i>Acácio Pereira</i>	
VOCÊ PODE VENCER.....	12
<i>J. V. Wilbanks</i>	
REVERÊNCIA NO TEMPLO	13
<i>Marcelo Caldas</i>	
A RESSURREIÇÃO INCLUI A TODOS	14
<i>Morris Chalfant</i>	
PÁSCOA E MISSÃO MUNDIAL	16
<i>L. Guy Nees</i>	
O ETERNO AMOR DE DEUS.....	17
<i>Fletcher Spruce</i>	
O PORTAL DA VIDA	18
<i>Osmair Portela</i>	
AS DUAS CRUZES DO CRISTÃO	19
<i>Sérgio Franco</i>	
NÃO ME DISSERAM QUE TUDO IA MUDAR?	20
<i>Eudo T. de Almeida</i>	
DE JOVEM PARA JOVEM.....	21
<i>Luis C. R. Oliveira</i>	
O PODER DA PALAVRA.....	22
<i>C. Neil Strait</i>	
PÁGINA MISSIONÁRIA (CHINA)	23
<i>Steve Weber</i>	
PÁGINA DEVOCIONAL	24
<i>João Esteves</i>	
PERGUNTAS E RESPOSTAS	25



palmas e cruzes



Creio que todo aquele que tem proclamado fielmente o evangelho e exposto as Sagradas Escrituras, tem um apreço especial pelo Domingo de Ramos. Jesus foi aclamado, mas não aceito. Foi aplaudido, mas a Sua mensagem passou despercebida. Quando o clamor se extinguiu e a multidão desapareceu, a cruz estava aguardando o Condenado.

Uma das maiores frustrações do ministério da pregação vem do povo que elogia esforços, às vezes transborda em cumprimentos, mas não crê nem obedece à verdade que o orador proclama. As pessoas podem recomendar os seus sermões—considerando-os uma preciosidade—mas não seguirão com afinco o Cristo que se lhes prega.

Por vezes o louvor e o apoio apenas duram até o instante em que o pregador se lhes opõe. Quando a verdade lhes descobre o pecado, desmascara os ídolos, desafia comodidades ou contradiz ideias, voltam-se inesperada e rudemente contra o portador da mensagem. As hosanas podem mudar prontamente para gritos de “crucifica-O”.

Os piores inimigos do nosso Senhor encontravam-se entre os homens mais religiosos e mais conservadores do Seu tempo—os fariseus. Guardavam as leis e executavam com diligência os rituais; mas eram capazes de odiar, contrariar, caluniar e matar com igual paixão. Os da extrema direita eram tão arrogantes e cruéis como os da extrema esquerda. Que há de novo?

Numa igreja que pastoreei, após a nossa chegada, um dos membros desfazia-se em amabilidades. Agitava palmas com energia. Mas, a primeira vez que o meu ministério discordou com o seu amor ao poder, as faíscas saltaram e os barris de pólvora explodiram. O elogio transformou-se em crítica. Os cumprimentos foram substituídos pela calúnia. E, entretanto, a pessoa professava superioridade espiritual na congregação.

Domingo de Ramos—o dia em que as multidões rejubilaram e Jesus chorou. Domingo de Ramos—o dia em que palmas foram agitadas e uma cruz foi talhada. Domingo de Ramos—o dia de aclamações superficiais, prelúdio duma agonia de abandono. Sim, eu compreendo o Domingo de Ramos.

Mas o Domingo de Páscoa pairava no horizonte! □ —W. E. McCUMBER

**E José, tomando o corpo,
envolveu-o num pano limpo de linho,
e o depositou no seu túmulo novo,
que fizera abrir na rocha
(Mateus 27:59-60).**

dois túmulos emprestados

Por estranha reviravolta da história, Lord Nelson, o grande herói da Inglaterra, jaz num sepulcro que foi preparado para o enterramento de outra pessoa.

O cardeal Wolsey, no auge da sua autoridade, tornou-se cardeal legado, arcebispo de York e cônego de Windsor. Foi precisamente em Windsor, na capela de Henrique III, onde jaziam os restos de muitos reis da Inglaterra, que ele construiu o seu próprio sepulcro—"um enorme sarcófago de mármore rodeado de balaustradas, candelabros e anjos, todos fundidos em bronze.

Quando Wolsey morreu a caminho de ser julgado por alta traição, Henrique VIII confiscou-lhe todos os bens e ordenou que o sepulcro de Wolsey, em Windsor, fosse preparado para o rei. Porém, quando este faleceu, dezassete anos depois, de acordo com o seu testamento, a terceira esposa, Jane Seymour, sepultou-o na capela de S. Jorge. Assim, o túmulo de Wolsey ficou vazio e a capela foi fechada e abandonada. Diz-se que Carlos I procurou reparar o túmulo de Wolsey para ser nele enterrado, mas acabou por ser sepultado na mesma cripta funerária de Henrique VIII.

Durante o governo de Cromwell, o sepulcro foi despojado de seus anjos e candelabros de bronze, continuando o túmulo vazio na capela abandonada durante mais de 150 anos.

Quando o corpo de Nelson foi trasladado para S. Paulo, sua terra natal, surgiu o problema de se encontrar um lugar condigno para sepultar um homem tão importante. O deão de S. Paulo sugeriu que lhe dessem o túmulo preparado para Wolsey. Ainda hoje permanecem nesse túmulo elaborado os restos mortais de Lord Nelson.

Como muitos homens ricos previdentes, José de Arimateia tinha preparado para sua sepultura um sepulcro novo. Depois dos acontecimentos do Calvário, o seu túmulo deixou de ser tão urgente, em comparação com a necessidade dum lugar de repouso para o corpo do Senhor. José e Nicodemos prepararam o melhor possível o corpo de Jesus para ser sepultado condignamente. Já era tarde nesse dia para o ritual oriental de embalsamar o corpo. Deviam esperar até passar o descanso sabático e raiasse o terceiro dia. Mas fizeram o que puderam, lavando o corpo de Jesus e envolvendo-o num lençol, com um pano à volta da cabeça. Depois rolaram uma pedra para tapar a entrada do sepulcro e deixaram-no bem seguro.

O túmulo nesse horto encontra-se agora vazio. A pedra foi retirada e o corpo do Senhor já não está lá. O sepulcro emprestado, vazio, testifica que "tragada foi a morte pela vitória" (I Coríntios 15:54). □ —ROSS W. HAYSLIP

O rei está vivo!

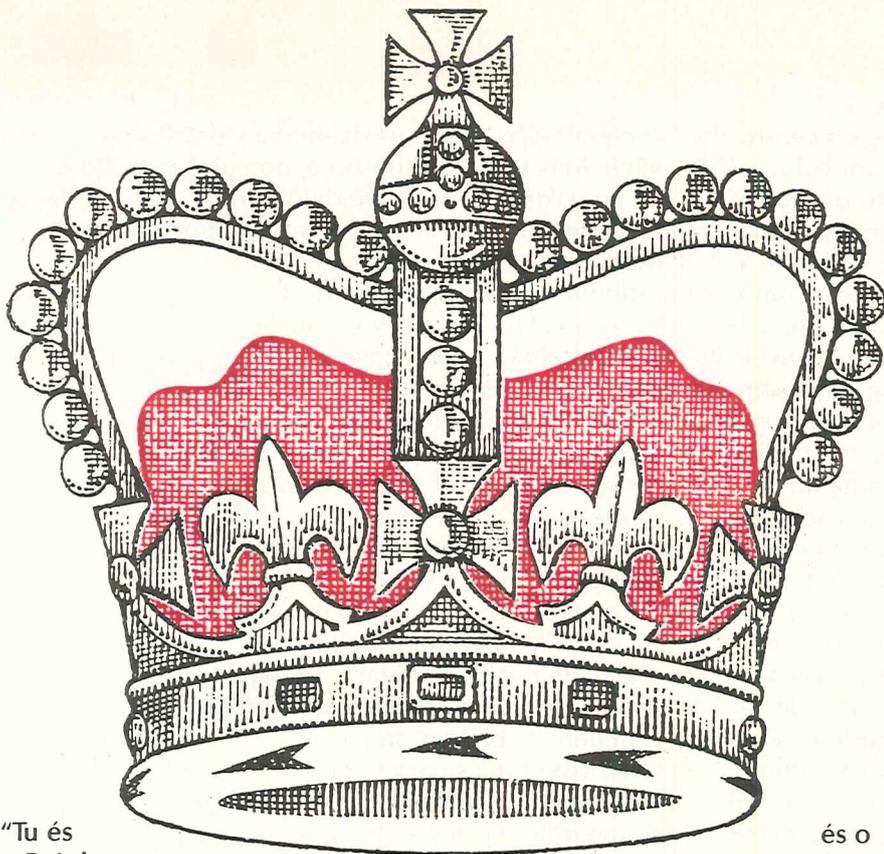
"Tu és o Rei dos judeus?" Esta pergunta foi feita a Jesus durante o Seu interrogatório perante o proconsul romano, Pôncio Pilatos. Ele respondeu calmamente: "O meu reino não é deste mundo" (João 18:33-38). É a única vez em que Jesus Se intitula Rei; fê-lo mais tarde indirectamente.

A Sua discricção deve-se, sem dúvida, ao carácter bem conhecido e mau dos monarcas terrenos, Herodes e César.

Governavam pela força, obrigando a obedecer à espada. Viviam na luxúria e dissipação enquanto os súbditos morriam de fome. Decidiam caprichosamente a vida ou a morte de pessoas com um simples gesto de dedos. Jesus governou com amor, cuidando de Seus seguidores, suprimindo suas necessidades e perdoando a inimigos. Nunca houve outro Rei como o Mestre!

Jesus foi chamado "Rei" no Seu nascimento. Antes da Sua conceição no seio de Maria, o anjo disse à mulher: "O Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim" (Lucas 1:32-33). Após o nascimento vieram uns Magos à Sua procura, perguntando: "Onde está aquele que é nascido rei dos judeus?" (Mateus 2:2).

Jesus foi chamado "Rei" durante a vida. Um dos discípulos, Natanael, exclamou:



"Tu és o Rei de Israel" (João 1:40).

A mãe de outros dois discípulos, Tiago e João, pediu lugar de destaque e poder "no Seu reino" (Mateus 20:21). Então Jesus recordou-lhes que nesse reino os grandes homens servem e não são servidos.

Satanás tentou a Jesus com a oferta de "todos os reinos do mundo", se o adorasse. Mais tarde, depois do Senhor multiplicar o lanche dum jovem para alimentar 5.000 pessoas, a multidão excitada quis "arrebatar-lhe, para o fazerem rei à força" (João 6:15). Jesus afastou-Se dessa tentativa impetuosa. Ele seria Rei, não por ordem de Satanás ou conivência de homens, mas como desejava Seu Pai.

Ele programou a Sua "entrada triunfal" em Jerusalém para cumprir a antiga profecia: "Eis que o teu rei virá a ti" (Zacarias 9:9; Mateus 21:4-9). A multidão aclamou-O como "o Filho de Davi", mas quando Jesus se negou a ser rei como eles queriam, foi crucificado.

Jesus foi chamado "Rei" na morte. O Seu juiz perguntou: "Tu

és o rei dos

judeus?" Soldados

insensíveis vestiram-Lhe uma túnica, colocaram-Lhe uma coroa de espinhos na cabeça e, inclinando-se de escárnio à Sua frente, diziam: "Salve, Rei dos judeus!" (Mateus 27:27-31). Jesus feito rei de circo!

No topo da cruz um letreiro identificava o "crime" pelo qual era executado: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus" (João 19:19). Isso constituía um insulto anti-semita. Mas certo homem chegara a melhor compreensão. Um ladrão na cruz ao lado do Mestre, orou: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino" (Lucas 23:42). Jesus prometeu: "Estarás comigo, hoje, no paraíso" (Lucas 23:43).

Sim, Ele é Rei! Reina de forma invisível mas certamente como "Rei de reis" num "reino que não pode ser abalado" (Hebreus 12:28). Na Sua vinda, reinará visível e eternamente. Numa parábola autobiográfica, Jesus é o "homem nobre" que "partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois" (Lucas 19:11-27). No Seu regresso, o Rei julgará todas as

nações (Mateus 25:34-41). Nesse dia ninguém escapará à "entrada no reino eterno do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo" (II Pedro 1:11). É esta a esperança e alvo—a herança—de quantos servem agora a Jesus (Efésios 5:5).

"O Seu reino não terá fim" (Lucas 1:33). Outros reis e reinos se levantam e caem. Nas palavras de Tennyson, "Eles têm seus dias e fim contados". Mas "o Seu reino não terá fim", como declara um hino célebre. Hitler sonhava com um governo de mil anos, mas morreu de forma horrível com a Alemanha em ruínas à sua volta. Na longa marcha da história por causa do pecado nenhum reino subsiste por sua natureza inconstante. O pecado gera a própria destruição (Tiago 1:15). Se você quer estar do lado vencedor, entre no reino de Jesus Cristo.

A fé nos tirou "da potestade das trevas... para o reino do Filho (de Deus) do seu amor" (Colossenses 1:13). Jesus aproximou-Se, através da pregação de Sua Palavra, para nos desafiar à fé: "O reino de Deus está próximo. Arrependei-vos, e crede no Evangelho" (Marcos 1:15).

Um homem vadio ouviu esse desafio e respondeu "sim!" Durante anos tinha-se embriagado, cometido crimes e estado na cadeia. Sem trabalho, errava pelos passeios das ruas, dormia nos jardins e comia o que encontrava nas latas do lixo. Para escapar à fome e ao frio refugiou-se numa missão, onde ouviu o evangelho e deixou um futuro incerto para abrir o coração a Jesus. O Senhor dirigiu-o com amor. A graça reconstruiu a sua vida e deu-lhe valor e propósito. Quando conversei com ele numa missão de salvamento, onde ajudava a alcançar outros para o reino de Cristo, tinha um lar feliz, trabalho fixo e assistia a uma boa igreja. O Rei que virá como Juiz já veio como Salvador! □

O problema da sobrevivência situa-se no centro das preocupações do homem actual. Por um lado, as pesquisas médicas prometem prolongação da vida à nossa espécie; por outro, as armas modernas, cada vez mais sofisticadas, conduzem perigosamente a uma hecatombe planetária, tendo como consequência final a extinção da raça. Uma tal possibilidade é simplesmente horrível. "A vida é uma aventura e deve ser disputada sem cessar até à morte", escreveu Albert Einstein. Esta aventura vivemo-la de forma diferente, de acordo com as circunstâncias que enfrentamos, as contingências a que nos submetemos e as escolhas que fazemos. Mas, quando a grande desconhecida—a morte—nos bate à porta, toda a resistência é inútil...

O filósofo e escritor francês Jean Paul Sartre (falecido em 1980), escreveu: "O que é horrível não é... morrer, mas morrer em vão". O autor de "A Morte na Alma" não era cristão, mas exprimiu aqui uma verdade profundamente cristã quanto ao último sentido da morte e da vida. Morrer em vão é ter vivido em vão, é não ter compreendido a verdadeira essência da vida; é ter sacrificado a existência por uma causa indigna. Quantas vidas gastas assim! Vida inútil, morte antecipada, diria Goethe.

A vida é digna de ser vivida. Contudo, deve ser boa e cheia—não necessariamente longa. O patriarca Jacó dizia aos 130 anos: "Poucos e maus

foram os dias dos anos da minha vida" (Génesis 47:9). Mas Jesus Cristo veio e, no curto período de 33 anos, deixou-nos o modelo perfeito da vida digna de ser genuína. Com efeito, morreu por nós (Romanos 5:8; I Coríntios 15:3). A Sua morte simboliza a destruição da Morte (I Coríntios 15:54-55). Ele não morreu, está vivo; assim o disse ao apóstolo João (Apocalipse 1:18). Daí, a importância da Ressurreição.

O título deste artigo não é *Viver e Morrer*, mas *Morrer e Viver*. Porque, no domínio das últimas coisas, a morte não existirá mais. A vida precede a morte, é certo, mas em último lugar a Vida sucede à Morte—o reino da Vida é infinito (João 14:6; Hebreus 13:8).

"A vida não é um problema a resolver", disse o filósofo dinamarquês Kierkegaard, "mas uma realidade a experimentar". Aqueles que crêem em Jesus Cristo para salvação, desfrutam diariamente da experiência jubilosa duma vida repleta de interesse. "Não vivem mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (II Coríntios 5:15). Compartilham com o próximo, num espírito de amor, a boa nova da salvação e a certeza da vida eterna. Sabem em quem creram e não temem a morte. Certos da promessa do regresso glorioso de Jesus, esperam vê-LO nesse dia tal qual é. Aspiramos, enfim, a ser semelhantes a Ele (I João 3:2). □

—ROBERTO MANOLY

Morrer e Viver



“MINISTÉRIO!”



A palavra ministério tem um problema. Ou nós temos um problema com ela.

É “tipificada”, categorizada. Ao ouvi-la, pensamos em homens e mulheres atrás do púlpito, com uma chamada específica de toda a vida para lugares longínquos. É uma palavra fácil de passar adiante, de omitir na agenda da nossa vida individual.

Lamentável!

Não só pela perda que causa ao impulso da obra de Deus, mas também pelo vazio que cava na vida da pessoa que esquece o que a palavra significa.

O Dr. William Glasser, famoso no campo da pesquisa das emoções humanas, escreve que cada pessoa tem duas necessidades básicas: uma é amar e ser amada. A outra é possuir um sentimento de ser útil a si e a outros. Sem este sentimento de “ser útil” falta algo vital à nossa existência.

Outro escritor, bem conhecido no ramo da compreensão humana, tem salientado a mesma ideia. O Dr. Rollo May declara que precisamos de sentir que nós “contamos para alguma coisa”. Sem isto há um atrofiamento na personalidade e na saúde.

Mas onde se encontrará o sentimento de ser prestável? Como pode alguém neste mundo tão vasto sentir sempre que conta para algo?

Jesus respondeu aos analistas seculares, bem como àqueles que seguem as orientações bíblicas. “Qualquer que quiser salvar a sua vida”, disse Jesus, “perdê-la-á, mas qualquer que perder a sua vida, por amor de mim e do evangelho, esse a salvará (Marcos 8:35). “Não deixemos as definições e implicações do MINISTÉRIO aos profissionais. Descubra uma aplicação pessoal... quem quer que você seja!”

Mas qual? Como? Onde?

Um dos grandes privilégios e potenciais disponíveis através da “família” a que pertencemos, a Igreja do Nazareno, é o acesso ao ministério por parte de cada amigo e membro chamados a “envolver-se no evangelismo mundial”.

O empreendimento da Missão

Mundial da nossa igreja internacional funciona com o nosso apoio financeiro. Você pode, sem nunca chegar a sair da sua terra, contribuir para um hospital na Nova Guiné, uma escola bíblica em Taiwan, um orfanato na Guatemala, uma escola primária na Suazilândia, um depósito para distribuição de alimentos no Haiti e uma nova igreja no Egito. Este é um ministério em que todo o indivíduo se pode envolver.

Pela oração você consegue prestar assistência e apoio a um missionário em qualquer dos 75 países em que opera a nossa igreja, bem como a leigos e a pastores nacionais. Você não é mera estatística, insignificante no seu cantinho do mundo. É, verdadeiramente, uma “individualidade mundial” com tanta influência quanta abarca a imaginação. Você é “útil” como William Glasser e Jesus Cristo recomendaram que fosse. Você “conta para alguma coisa” como Rollo May e Jesus Cristo declararam.

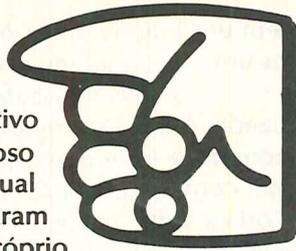
Relacionar as notícias diárias do globo com a obra da sua igreja e do pessoal à volta do mundo, é um começo. Igualmente, faz parte do “treinamento para o ministério” a oscilação da moeda de cada país no mercado internacional. A inflação tem influência no Orçamento Geral. São urgentes orações pelos governantes de cada país, para que eles concedam a liberdade de continuarmos a apresentar o Evangelho de Jesus Cristo.

Tudo isto significa que VOCÊ é um MINISTRO! Cumpra o seu ministério. “Não desprezes o dom que há em ti...” (I Timóteo 4:14). □

—ROBERT H. SCOTT



"EIS AQUI O HOMEM!"



Desconhecemos o motivo pelo qual Pilatos deu tão glorioso título ao Senhor Jesus. Mas seja qual for, aquelas palavras se immortalizaram até hoje; cremos que foi o próprio

Espírito de Deus que as colocou na sua boca: "Eis aqui o Homem!" (João 19:5).

Pilatos não disse: "Eis aqui *um* homem!", como todos os outros. A sua declaração foi incisiva: O Homem! O único, diferente dos outros.

Este título significa que Cristo é o único homem verdadeiro, em toda a extensão da palavra, que teve a humanidade. Não houve nem haverá outro igual ou superior a Ele: Deus feito Homem. O célebre Diógenes, com aquela lanterna acesa em pleno dia, pelas ruas de Atenas e repetindo as palavras "busco um homem!", representa a ansiedade da humanidade dorida à busca do único capaz de satisfazer a necessidade humana e restabelecer a felicidade perdida. Se Diógenes tivesse vivido no tempo de Cristo, teria encontrado n'Ele o ideal que procurava.

Cristo é o único homem esperado com ansiedade mesmo antes do Seu nascimento. É o único que viveu sem pecado.

Trinta e três anos sob o escrutínio dos homens e estes não Lhe puderam encontrar a mínima falta: "O qual não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano" (I Pedro 2:22). As

Suas palavras penetrantes trouxeram grandes mudanças à humanidade. Os Seus perseguidores disseram: "Nunca homem algum falou assim como este homem" (João 7:46).

Cristo é o único homem que pôde afirmar com autoridade ser o Filho de Deus. E o comprovou com factos. Nicodemos disse: "Bem sabemos que és Mestre, vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais, que tu fazes, se Deus não for com ele" (João 3:2). E o povo acrescentou: "Tudo faz bem; faz ouvir os surdos e falar os mudos" (Marcos 7:37).

Este é o Cristo que deu a vida tão preciosa para salvar a humanidade, morrendo por nós na cruz. Era necessário que alguém como Ele pagasse por nossos pecados, "o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus" (I Pedro: 3:18). "E em nenhum outro há salvação, porque também, debaixo do céu, nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos" (Actos 4:12). Se Deus enviou Seu Filho para que fôssemos salvos por Ele; e se o Filho derramou o sangue e deu a vida para nos salvar dos pecados e da condenação eterna, "como escaparemos nós, se não atentarmos para uma tão grande salvação?" (Hebreus 2:3). Você que lê estas palavras tenha em conta que Cristo é o único Homem que o pode salvar.

Possui-LO é ter a vida eterna; rejeitá-LO é perder-se para sempre.

Creia n'Ele e será salvo. É o único Homem que morreu, ressuscitou e está à direita de Deus; "portanto, pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles" (Hebreus

7:25). □ CRISTIAN CHIRINOS

Habituei-me a trepar às árvores desde criança. Entre elas, às figueiras que abundavam na aldeia onde eu nasci. Umam eram ramalhudas e grossas; outras, delgadas e com folhagem escassa. Seus figos primavam pela doçura. Ao findar o outono, muitas pessoas colocavam nos beirais dos telhados tabuleiros de figos a secar ao sol. Faziam parte do jejum nas manhãs frias de inverno.

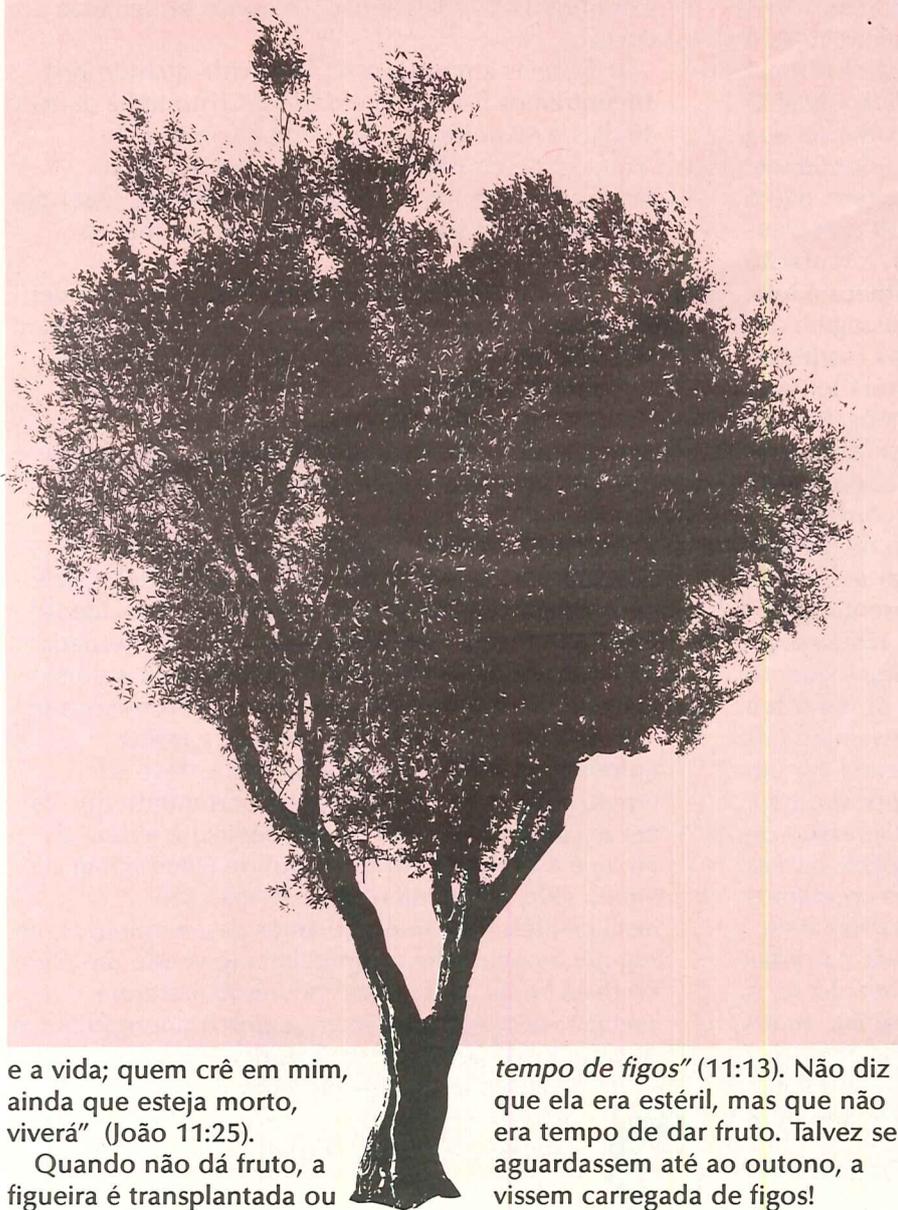
Em geral, todas as figueiras produziam com abundância. No entanto, lembro uma que era especial. Cobria o pátio da casa dos meus avós. No tempo dos figos, colhíamos diariamente dois ou três cestos a transbordar. Além de produtiva, ia-se estendendo com os novos rebentos por cima dos telhados vizinhos. Chegava mesmo a roçar nos vitrais duma janela da igreja que Lhe ficava em frente, como a dizer que queria entrar. Era muito apreciada pela comunidade. Por ela atravessava um arame com que o meu avô tocava o sino às ave-marias e assinalava a hora das missas semanais.

Ainda hoje me cresce água na boca quando penso nos seus deliciosos figos pretos, suculentos e a escorrerem uma gotinha de mel. Quando mais tarde vivi em Lisboa, era com saudades que recordava os tempos da infância, ao ouvir apregoar nas vielas da cidade os "figuinhos da capa rota".

A figueira, mencionada várias vezes no Novo Testamento, é familiar em Israel. Como as outras árvores, precisa de tratamento para produzir fruto. Mas a figueira é melindrosa, seca facilmente. A sua vida assemelha-se, em certo sentido, à do homem: ambas são frágeis. Mas temos a vantagem de que a nossa firma-se em Cristo. Ele declarou: "Eu sou a ressurreição

a figueira dos meus avós

—ACÁCIO PEREIRA



e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11:25).

Quando não dá fruto, a figueira é transplantada ou cortada. O dono não admite que ela ocupe em vão o terreno. Em Mateus 21:18-19, Deus revela a Sua atitude para com uma vida inútil. Jesus “de manhã, voltando para a cidade, teve fome; e, avistando uma figueira perto do caminho, dirigiu-se a ela, e não achou nela senão folhas. E disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou, imediatamente”. No Evangelho de Marcos há um pormenor muito importante: “Não achou senão folhas, *porque não era*

tempo de figos” (11:13). Não diz que ela era estéril, mas que não era tempo de dar fruto. Talvez se aguardassem até ao outono, a vissem carregada de figos!

A tragédia é que existem na Igreja de Deus cristãos muito parecidos à figueira: enganam com a folhagem exterior. Nunca chegam a dar fruto, mesmo esperando até ao outono! Levam uma vida inútil tanto diante de Deus como do próximo.

Têm-me servido de meditação as palavras de T. Myron Webb: “Não estamos neste mundo para encostar-nos a outros, mas para levantá-los; não para ser servidos, mas para servir; não para ser empecilhos, mas bênção; não

para nos sentarmos na bancada e criticar os jogadores, mas para entrar no jogo e ajudar a conquistar a vitória”. O Senhor deseja ver-nos activos no Seu serviço.

A parábola da figueira estéril (Lucas 13:6-9), dá uma ideia do que nos pode acontecer quando não produzimos. Após três anos de espera, sem nada colher, o dono decidiu cortar a figueira. Ela tinha falhado em cumprir o propósito para que fora plantada. Não lhe valera o bom terreno nem a vigilância do fazendeiro!

E nós? Estaremos a cumprir a tarefa que Deus nos incumbiu? Quais têm sido os nossos frutos? Ou teremos procedido como se não houvesse um galardão a receber ou tudo findasse com a morte?

É desastroso alegar desculpas para justificar certos actos, muitas vezes, com percussões funestas. Recordemos ainda que as figueiras dos avós nem sempre crescem e produzem bons figos. Algumas são estéreis ou bravas. Representam tradições que precisam de ser ventiladas. É evidente que nem tudo o que os avós dizem ou fazem passa intacto para os netos!

Seria falta de senso agarrar-se alguém a tradições antigas com risco de condenação eterna. Trata-se dum assunto que devemos apresentar a Deus em oração. Os discípulos de Jesus, após o Pentecostes, destrancaram as portas do cenáculo e afoitaram-se a enfrentar um mundo adverso. “E naquele dia agregaram-se quase três mil almas” (Actos 2:41). Numa manifestação de fé na gloriosa ressurreição de Jesus, deixaram tradições estéreis!

Como a figueira dos meus avós, procuremos produzir frutos e estender os ramos para além do nosso pátio! □

Jesus acabava de jejuar 40 dias e 40 noites. Tinha fome. Nesse momento o diabo aproximou-se (Mateus 4:1-4). É provável que o tentador fosse ao encontro de Jesus como alguém em busca da verdade, à semelhança do que fez o jovem rico de Marcos 10:17.

“Chegando-se a ele o tentador, disse: Se tu és o Filho de Deus, manda que estas pedras se tornem em pães” (Mateus 4:3). Que significará isto? O próprio Filho de Deus tentado a duvidar da Sua identidade!

À luz das ações de Satanás nesta passagem, não é de se estranhar. Certa vez ele procurou que Deus duvidasse da integridade de Jó (Jó 1:11). A tentação da dúvida começa com um *se*. Aí começa a luta. Para o cristão há várias lições nesta passagem das Sagradas Escrituras.

1. À semelhança de Jesus, o crente estará tentado a duvidar da sua condição de filho de Deus. Para os recém-convertidos a luta pode começar por estas palavras: “Se você é realmente um cristão, onde está o regozijo que experimentou quando se converteu?”

Para os mais maduros na fé, a tentação de duvidar do seu estado espiritual pode começar assim: “Se você diz que é cristão, por que tem ressentimentos contra tal pessoa?”

Tratando-se dum jovem ou adulto confuso quanto aos pensamentos sexuais, dir-lhe-á: “Se o seu coração fosse *puro* não consentiria tais pensamentos”. Aqui devemos distinguir entre ter um pensamento relâmpago que foi retirado por ser mau, e em consentir nele. Recordemos a observação de João Wesley de que não podemos impedir que as aves voem sobre a nossa cabeça, mas podemos evitar que façam ninho no nosso cabelo.

Mesmo aquele que é experiente nas lutas espirituais ainda deve ter cuidado na área do *se*. A vida conduz-nos, por vezes, a situações muito difíceis: através do deserto árido das dívidas e dos problemas financeiros; dos vales escuros da doença e da morte dum ente querido; da infidelidade dum dos cônjuges ou do divórcio. Então Satanás aproveitará a ocasião para

sugerir: “Se você estivesse dentro da vontade de Deus, as suas orações seriam ouvidas e Deus o libertaria do fardo pesado de tantos problemas”.

2. O ataque de Satanás cria dúvidas e confusão. O nosso Deus “não é Deus de confusão, mas de paz” (I Coríntios 14:33). Tais situações nunca são criadas por Deus.

3. Satanás emprega o *se* da dúvida quando nos encontramos fisicamente débeis. Cristo tinha jejuado 40 dias e 40 noites. Estava fraco e faminto. A tentação de converter as pedras em pão, para satisfazer o apetite, era algo extraordinário. Quando estamos fracos ou doentes é que insiste mais o tentador.

É de suma importância saber como nos defender do *se* de Satanás. Ele ataca com muita destreza. Para alcançar vitória temos dois requisitos essenciais:

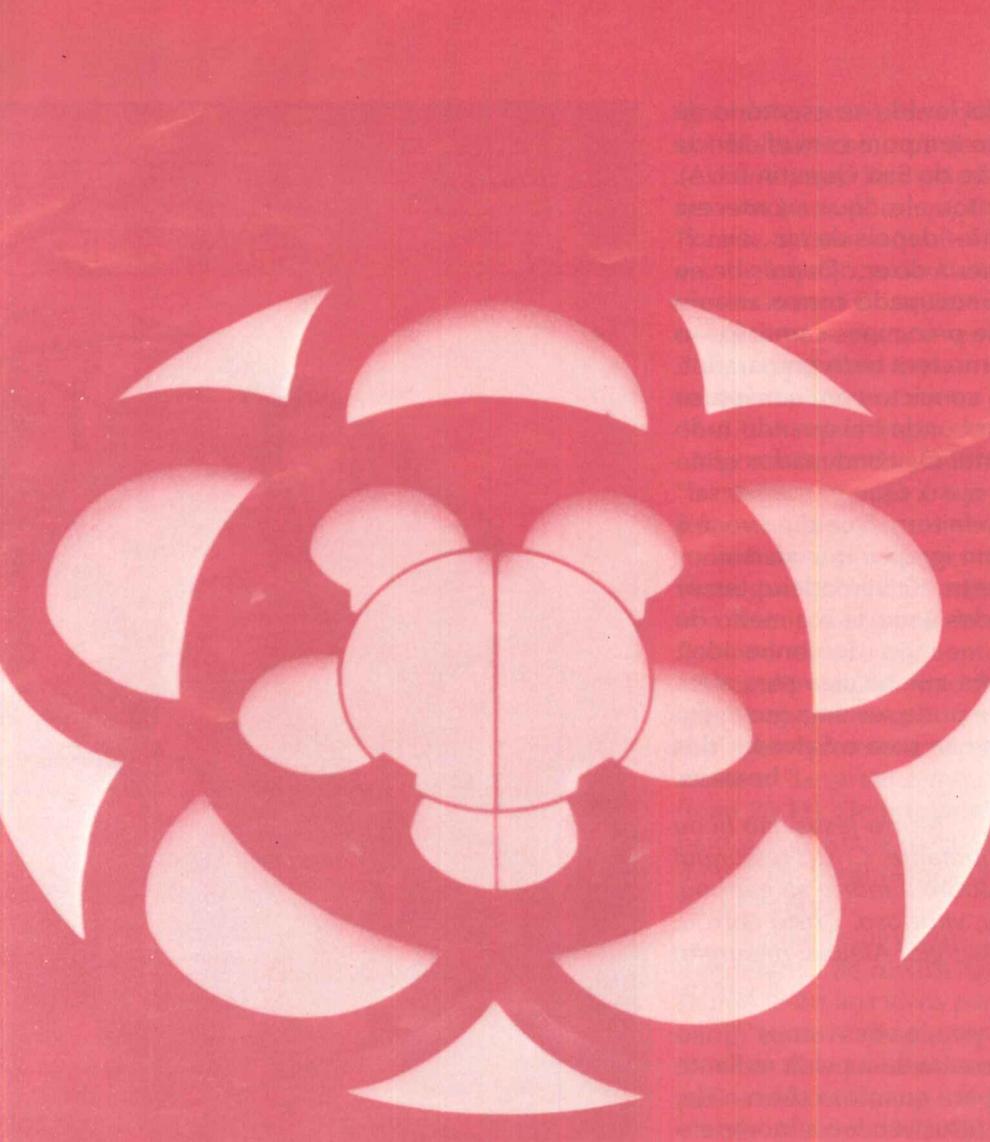
Primeiro, é-nos absolutamente necessário ser cheio com o poder do Espírito Santo. Somente depois do Espírito de Deus ter descido sobre Jesus é que Ele foi tentado. Precisamos da mesma experiência.

Em segundo lugar, memorizemos algumas passagens da Bíblia. A única arma eficaz dos cristãos contra Satanás e “as hostes espirituais da maldade” (Efésios 6:12) é a Palavra de Deus. Esta é a “espada de dois gumes” (Hebreus 4:12). Jesus usou-a com agilidade e destreza. Nós também o devemos fazer.

Para estar armado com a verdade e poder enfrentar as exigências da vida cristã, devo dar tempo e lugar ao Espírito Santo, permitindo que Ele me encaminhe. Preciso de me dedicar à leitura da Bíblia e à oração. Para o Espírito de Deus actuar na minha vida, cinco minutos de oração são insuficientes. Pior ainda, se antes desses minutos me esgotei emocional e espiritualmente vendo um filme de duas horas na televisão ou lendo literatura secular. Há muitos cristãos que procuram repudiar as dúvidas de Satanás com essa rotina devocional. No entanto, há milhões de cristãos que se disciplinam na fé e provam ser possível alcançar-se vitória espiritual. □

—J. V. WILBANKS





reverência no templo

—MARCELO CALDAS

Há alguns dias, li num periódico semanal algo que muito me entristeceu. O artigo falava das vendas que se têm feito de templos evangélicos na Inglaterra, citando o nome de algumas denominações. Vários desses templos foram vendidos a muçulmanos e outros até mesmo vendidos para se tornarem discotecas e salões de baile. Que impacto fez em mim ver o antigo altar da igreja transformado em bar

de bebidas alcoólicas e o santuário de adoração, em local de dança! Como pode um lugar que outrora foi consagrado a Deus tornar-se “habitação de deuses estranhos”? Isto me fez reflectir sobre como tem sido o comportamento do nosso povo no templo de Deus. O profeta Habacuque disse: “O Senhor, porém, está no seu santo templo; cale-se diante

dele toda a terra” (Habacuque 2:20). Penso que essa não tem sido a mentalidade de muitos cristãos que chegam periodicamente à adoração. Podemos até ver, ao contrário do espírito de culto, conversas, inquietação e outras atitudes que não deveriam existir quando chegamos à “casa de Deus” para ter um tempo com Ele. O Senhor quer de nós a máxima atenção, reverência, acatamento e louvor durante o tempo que estamos no templo. O contrário, o desrespeito, poderá frustrar os motivos para a verdadeira adoração.

Como adoradores do século XX, este em que os valores espirituais tendem a perder altura, saibamos colocar em prática o ensino bíblico de Habacuque. Ao chegar ao templo, durante a semana ou aos domingos, a nossa atitude interna e externa seja de louvor, contrição e gratidão ao Senhor. Não queremos que os nossos templos sejam vendidos ou transformados em outra coisa, por qualquer motivo. Logo, cabe-nos fazer que os templos sejam tidos como “moradas do Altíssimo ou Suas habitações”, para que os que neles entram possam realmente sentir a presença viva de Deus, que nos ama e quer receber a nossa adoração em ambiente de maior reverência possível. □



Um condenado à morte foi levado ao escritório de Clinton T. Duffy, que servia há muito tempo e com eficiência como director da prisão de San Quentin (EUA).

"Sr. director", perguntou ele, "que acontecerá amanhã—depois de eu...eu...?"

O director sabia o que ele queria dizer: "Depois de eu morrer". Pensando que ele estava preocupado com o arranjo do funeral, o director disse: "Não te preocupes com isso—o governo tem tudo preparado".

"Sim, eu sei", respondeu o convicto com um sorriso disfarçado. "O que quero dizer é para onde irei quando tudo acabar? Haverá vida depois da morte? Os condenados estão sempre a falar nisso. Que é que pensa?"

O director pergunta depois ao leitor: "Que diria você a um homem que não tem Deus—sem igreja e que afastou os capelães?" Em seguida acrescenta: "O verdadeiro temor desses homens condenados à morte é o medo do desconhecido".

A ressurreição de Cristo garante que há algo para além da morte e do sepulcro. A morte pode ser uma incógnita misteriosa para o indivíduo, mas não para o Salvador dos homens.

*Morto Jesus não ficou
Triunfante, Cristo ressurgiu!
A vitória sobre a morte ali ganhou,
E no céu, vitorioso, Cristo entrou.
Ressurgiu! Ressurgiu! Aleluia: ressurgiu!*

(L. e A., 115)

Cristo declara: "Porque eu vivo, e vós vivereis" (João 14:19). Ele, o Vencedor da morte, encontra-se na vida radiante além túmulo e anuncia vida para quantos crêem n'Ele.

No milagre da Ressurreição, Jesus venceu a morte e o túmulo. O apóstolo Paulo declarou: "Jesus Cristo... aboliu a morte, e trouxe à luz a vida e a incorrupção pelo evangelho" (II Timóteo 1:10). Por isso há esperança.

Emil Brunner disse certa vez: "O que o oxigénio é para os pulmões, a esperança é para o significado da vida humana". No entanto, existe desespero por toda a parte. A nossa vida dirige-se, a longo prazo, para uma geração desesperada.

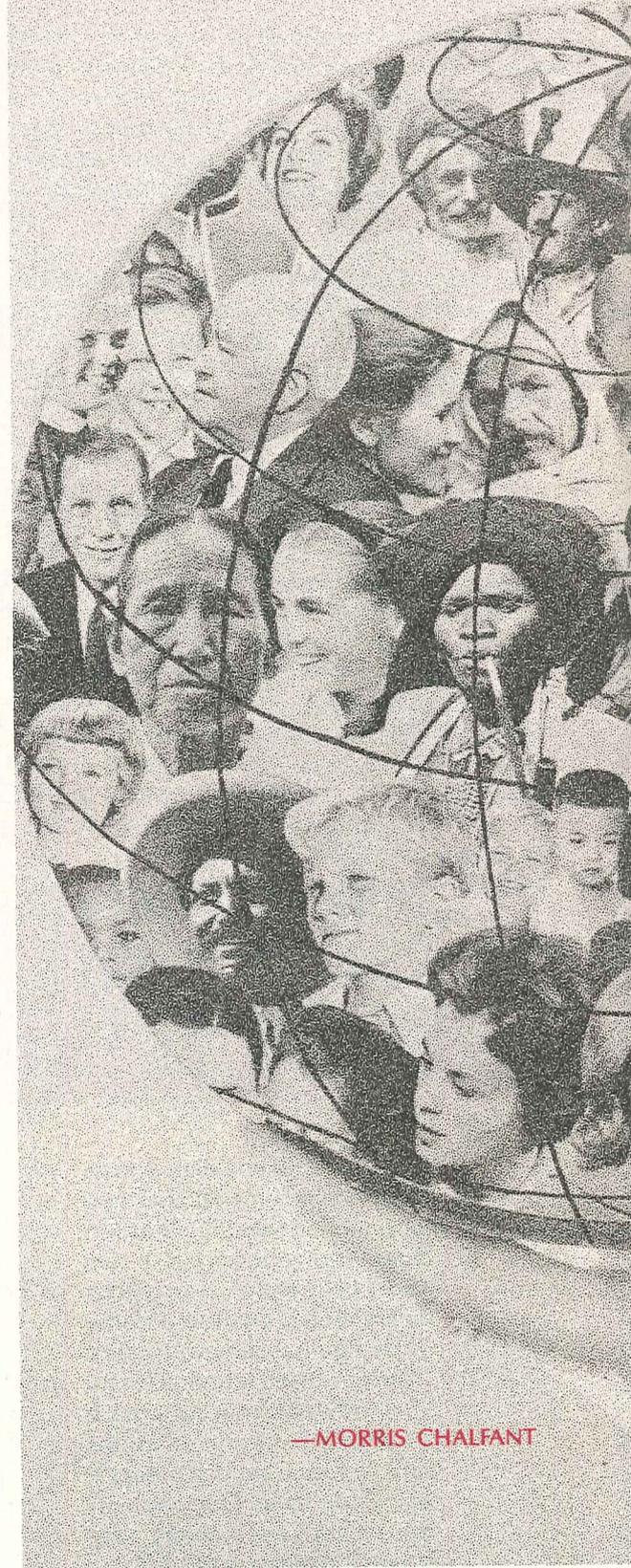
Durante os acontecimentos do Calvário, o apóstolo Pedro sentiu desespero; porém, mais tarde, escreveu em tom vitorioso: "Bendito seja o Deus e Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua grande misericórdia, nos gerou de novo, para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos" (I Pedro 1:3). Quando Pedro viu Jesus novamente vivo recobrou a sua fé.

Existe a esperança de pecados perdoados. Há esperança de termos paz e alegria; no meio de todas as incertezas de termos confiança quanto aos problemas que nos rodeiam. Há esperança que Jesus Cristo voltará. É o que Pedro chamou "a bendita esperança", a de um dia estarmos num novo céu e numa nova terra em que habitará a justiça.

A esperança de milhões de servos de Deus é que na ressurreição vão encontrar os entes queridos. O cristão não vê com desespero a morte ou a separação dos seres queridos salvos, pois espera encontrá-los na manhã da ressurreição.

Paulo diz: "Não quero, porém, irmãos, que sejais

A RESSUR
INCLUI A



—MORRIS CHALFANT

RESURREIÇÃO PARA TODOS



ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança. Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também, aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele... Porque o mesmo Senhor descera do céu, com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (I Tessalonicenses 4:13-14, 16-17). A ressurreição de Cristo e o arrebatamento de Seus amigos mortos têm, definitivamente, uma ligação.

A Ressurreição é a promessa de reunião. Não se reuniu Jesus aos Seus depois da morte e do túmulo? Eles reconheceram-nO. Mesmo quando seus olhos não O conseguiam ver claramente, reconheceram-nO pelo tom da voz. Recorda-se você do episódio de Maria Madalena? Ela ficou no túmulo enquanto a outra Maria foi levar a mensagem do sepulcro vazio. Madalena levantou os olhos e viu alguém que se aproximava. Entretanto, à meia claridade, ela não pôde distinguir quem era; e, pensando que Jesus fosse o hortelão, clamou: "Levaram o meu Senhor e não sei onde o puseram" (João 20:13). Ele pronunciou apenas uma palavra. Chamou-a pelo nome, Maria, o que bastou. Pelo timbre do amor ou tom de voz ela reconheceu-O imediatamente e caiu aos Seus pés para O adorar.

Porque Jesus ressuscitou do sepulcro, também nós temos a esperança de ressuscitar. Aqueles que morrem no Senhor reunir-se-ão aos vivos para o encontro de Jesus na Sua vinda.

A ressurreição do injusto é tão certa como a do justo. "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para a vergonha e desprezo eterno" (Daniel 12:2). Quando ressuscitarão os justos e os injustos? Quer seja daqui a mil anos ou hoje, *quando* acontecerá não é tão importante como *o facto de que* sucederá.

Por vezes, quando no Domingo de Páscoa a igreja está cheia, tenho pregado sobre a ressurreição do iníquo. Muitos crêem que a ressurreição harmoniza todas as coisas. Mas, se as coisas não estão bem quando morremos, também o não estarão no dia da ressurreição. O destino já foi determinado. Alguns ressuscitarão para se juntarem aos filhos de Deus e receberem o prêmio, mas outros para desgraça e tormento eterno. Vida depois da morte significa que aqueles que não crêem em Cristo como Salvador pessoal passarão a eternidade num lugar preparado para quantos rejeitam a Deus. Esse lugar é tão real como o céu. Não há razão para não crer num lugar de tormento eterno, o qual será o lar do descrente. Tenho sondado muitas vezes o meu coração em como descobrir uma forma de todos os homens terem vida eterna em Cristo. Isso não pode ser, uma vez que foi dada uma escolha ao homem e lemos na Escritura que é grande o número daqueles que escolhem "a segunda morte".

Quando soar a trombeta de Deus e a Sua voz for ouvida—sabei que é uma ordem militar à qual não se pode desobedecer—será hora de choque para os não salvos, e de esperança para os salvos. Não existe um sepulcro que não se abra um dia, nem um corpo que não ressuscite. □

As declarações da Grande Comissão foram feitas depois da Ressurreição. Encontram-se narradas em Mateus 28:18-20; Marcos 16:15; e Actos 1:8.

Existem outras alusões à extensão do evangelho por todo o mundo feitas antes do Calvário e da ressurreição, tais como em João 3:16—“Porque Deus amou o mundo” e “todo aquele que nele crê”, bem como Mateus 24:14. Mas a explicitação do mandato de Jesus foi após o maravilhoso dia de Páscoa. Alguns apóstolos tinham dificuldade em aceitar o facto do evangelho ser para todos. Pedro, o homem que pregou a grande mensagem no Pentecostes, ainda precisou duma forte ilustração antes de declarar: “Reconheço, na verdade, que Deus não faz distinção de pessoas; mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e obra o que é justo” (Actos 10:34-35).

Mais tarde a ressurreição tornou-se a mensagem principal do apóstolo Paulo nas suas viagens missionárias do primeiro século. Na primeira carta à igreja de Corinto, ele trata especificamente no capítulo 15 do tema da ressurreição, fazendo talvez o maior pronunciamento de sempre sobre este assunto (vs. 12-22). A passagem conclui com estes pensamentos e palavras: “Mas, agora, Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque, assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim, também, todos serão vivificados em Cristo” (vs. 20-22).

João esclareceu esta verdade quando escreveu no Apocalipse 1:18—“Eu sou o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amen. E tenho as chaves da morte e do inferno”.

Atrás de cada verdadeiro missionário do evangelho, quer tenha atravessado a areia do deserto, escalado montes de neve, penetrado florestas sombrias ou palmilhado ruas duma grande cidade, está o facto incontestável da ressurreição de Jesus Cristo.

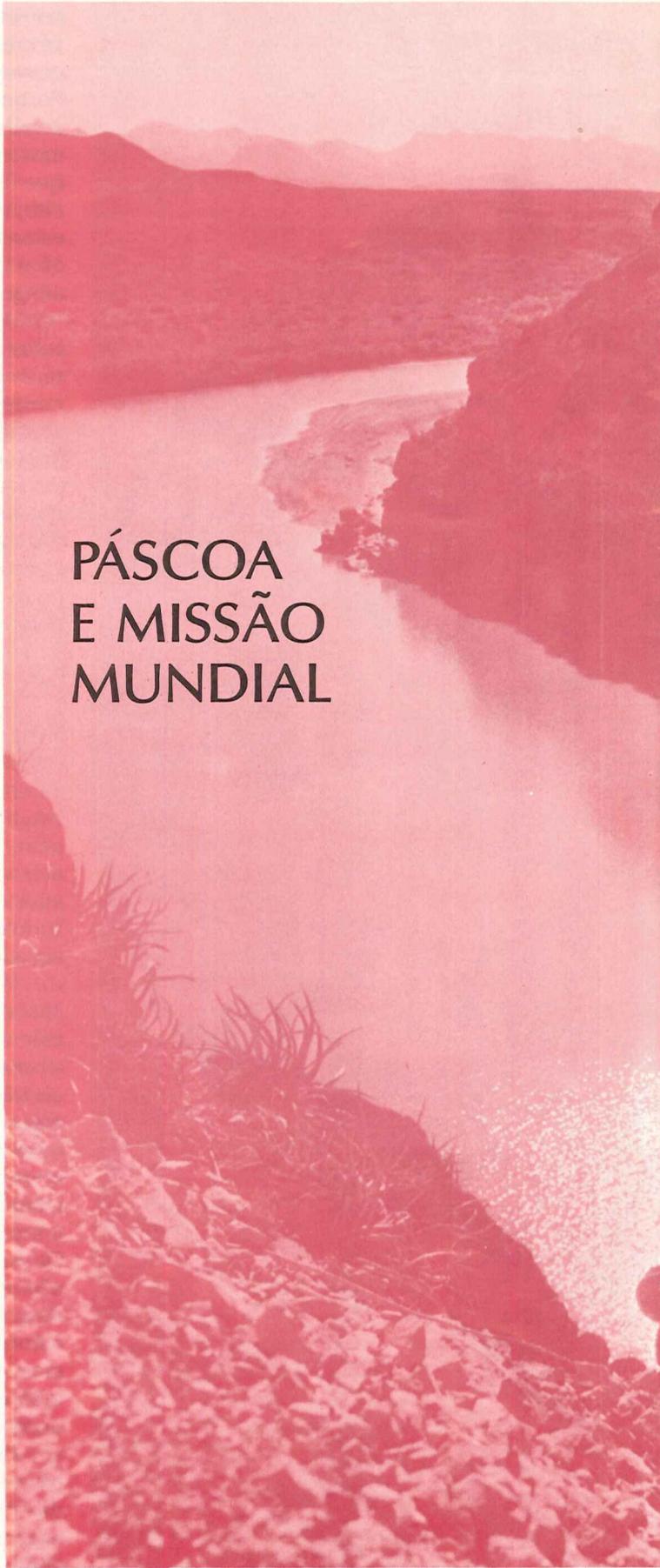
A Sua ressurreição e a vinda subsequente no Espírito Santo abriram o tesouro de todas as grandes verdades espirituais. E deve-se a esses dois factos comprovados a nossa mensagem de poder e libertação endereçada a todo o mundo.

Pregai-a, missionários e obreiros nacionais—Jesus ressuscitou e está vivo.

Cantai-a, coro e solistas—“Ele vive”.

Testificai-a, cristãos, em cada um dos 60 idiomas ou mais em que ministra a Igreja do Nazareno: “Eu sirvo um Salvador ressurrecto”.

Nenhuma mensagem tem maior poder ou vitória do que esta. É a mensagem para cristãos e a esperança para pecadores; mas em parte alguma tem mais importância do que na obediência à Grande Comissão. □ —L. GUY NEES



PÁSCOA E MISSÃO MUNDIAL



O ETERNO AMOR DE DEUS

Isaías retrata o verdadeiro amor—o eterno amor de Deus. O amor tem sido terrivelmente conspurcado nestes dias tempestuosos. Não o confundamos com sentimento, sensação ou sexo.

1. **O amor de Deus é grátis.** Não pode ser ganho, recebido por mérito, comprado ou pago.

“Comprai... sem dinheiro e sem preço” (55:1)—é o convite de Deus. E por que é de graça? Porque Jesus já pagou o preço para no-lo ofertar.

2. **O amor de Deus é recíproco.** Opera por dois meios: Deus e nós. Nunca é completo quando não correspondido. Deve ser compartilhado por ambas as partes. Deus promete fazer “um concerto perpétuo” conosco (v. 3). Mas temos nós de concordar com Ele.

3. **O amor de Deus respeita a nossa liberdade de escolha.** Ele actua de acordo com a nossa decisão. “Buscai ao Senhor... invocai-o enquanto está perto” (v. 6). É perigoso menosprezar o amor de Deus.

4. **O amor de Deus é exclusivo.** Outros amores devem ser postos de lado. “Deixe o ímpio o seu caminho... O homem seus pensamentos” (v. 7). O amor de Deus atinge um padrão elevado. O homem que acredita que pode enganar a Deus, terá uma grande surpresa por que Deus diz: “Deixa o pecado, se queres ter o Meu amor”. Isto é amor na sua expressão mais bela e pura.

5. **O amor de Deus é perdoador.** O Senhor “se compadecerá dele... grandioso é em perdoar” (v. 7). Deus não pergunta: “Pecaste?” Ele sabe que sim. Apenas pergunta: “Estás triste por teres pecado, e vais deixar de pecar?”

6. **O amor de Deus é infinito.** “Os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos, os meus caminhos, diz o Senhor” (v. 8). O verdadeiro amor tem sempre um quê de mistério. O amor divino é mais fácil de ser vivido do que explicado. É melhor prová-lo que descrevê-lo.

Portanto, compartilhemos o Seu amor—aceitá-lo, apossar-nos dele, mergulhar nele as nossas almas... Deste modo, tornamo-nos mais como Ele porque, então, Ele permanece em nós e nós, n’Ele. □

—FLETCHER SPRUCE

Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigénito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. —João 3:16

O PORTAL DA VIDA

Jesus disse: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim" (João 14:6). "Entrai pela porta estreita... porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida" (Mateus 7:13-14). "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim ainda que morra, viverá" (João 11:25).

A Bíblia refere-se à morte de várias maneiras: "recolhidos ao seu povo", "retirar a tenda", "dormir com os pais", "dissolução da casa terrena" e "descanso". Gostaria de chamar à morte "passagem pela porta", porque Jesus Cristo nos versículos citados diz-Se "a porta estreita e o caminho".

Quando o Senhor disse "entrai pela porta", não somente se referia à abstenção do mundo em que vivemos, mas também ao estarmos preparados para a morte, a nossa partida para outro mundo.

Deus nos amou e ama, ao ponto de Se preocupar com nossa vida pós-túmulo. Jesus declarou: "Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar" (João 14:2).

Quando o descrente que zomba de Deus, do inferno e até mesmo da morte é posto diante dum amigo prestes a ser sepultado, sabe que é o único momento em que não pode brincar, pois está diante duma realidade irreversível.

Porém, como deve encarar a morte o cristão? Será que ele a vê de frente como uma realidade ou cria fantasias que substituem a fé na Palavra de Deus? Dwight L. Moody escreveu antes de partir: "Vocês lerão nos jornais que Moody está morto, não creiam nisto, pois estarei mais vivo do que agora". Quando um filho de Deus morre não significa que foi derrotado, mas que venceu; e nós, os que ficamos, participamos da sua vitória.

Alguns cristãos crêem que quando uma pessoa morre, passa a ter um estado de sono intermediário, enquanto aguarda a ressurreição dos mortos. Outros acham que ela fica vagando pelo além, até que os anjos toquem a trombeta final. É como se uma pessoa voltasse para casa depois dum dia agitado de serviço e dormisse até ao dia seguinte sem se lembrar de mais nada.

Mas a Bíblia ensina que o homem ao morrer fica num estado espiritual de "delícias ou tormentos", à espera da ressurreição (Lucas 16:19-31).

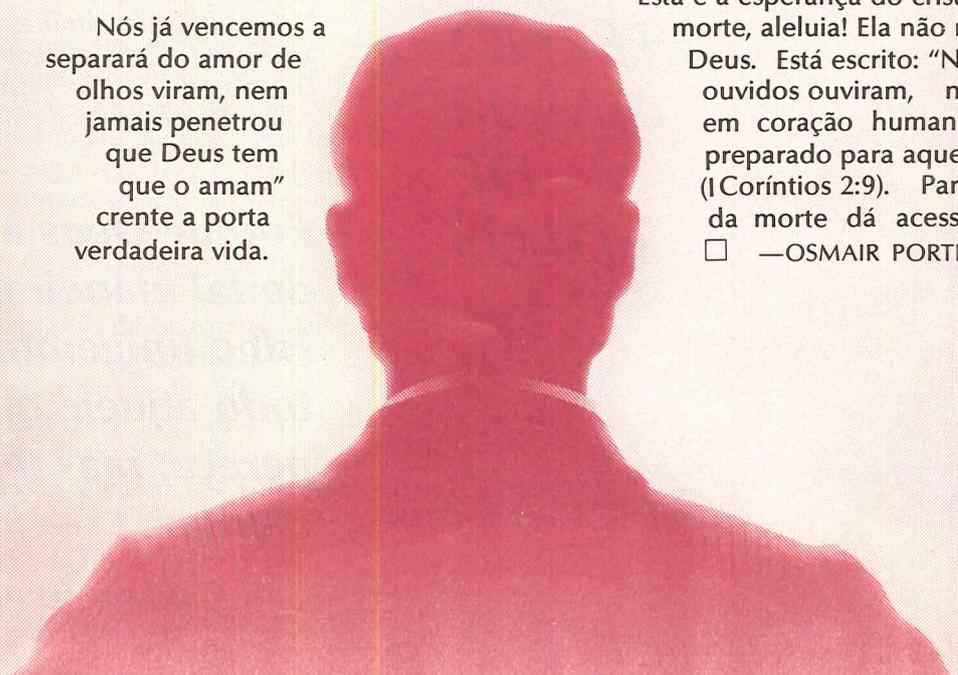
Jesus disse ao ladrão que estava ao Seu lado na cruz: "Hoje estarás comigo no Paraíso" (Lucas 23:43); isto é, ainda hoje estarás gozando das delícias duma nova vida. O cristão deve passar pela morte como algo belo e não terrível.

Alguém disse: "Os que morrem no Senhor, jamais se verão pela última vez".

Nós já vencemos a separará do amor de olhos viram, nem jamais penetrou que Deus tem que o amam" crente a porta verdadeira vida.

Esta é a esperança do cristão. morte, aleluia! Ela não nos Deus. Está escrito: "Nem ouvidos ouviram, nem em coração humano o preparado para aqueles (I Coríntios 2:9). Para o da morte dá acesso à

□ —OSMAIR PORTELA



**A cruz encontra-se por toda a parte.
É um emblema da cruz de Cristo.**

AS DUAS CRUZES DO CRISTÃO

Há uma cruz omnipresente. Se quiséssemos escapar dela seria não só difícil mas impossível. Cerca-nos de mil maneiras. Encontra-se perto quando dedicamos os filhos a Deus; e acompanha-nos na última viagem. Adorna os prédios mais estáveis da nossa civilização. Está presente na arte, na literatura e na liturgia. Ela ergue-se bem e mal compreendida, em lugares altos e baixos, em campos diferentes e até opostos do panorama humano.

Claro que nos lembra a outra cruz, a do centro. É a cruz de Jesus Cristo. Significa que é um emblema do Seu triunfo. Jesus venceu na cruz. Não só porque o mesmo instrumento com que os inimigos tinham procurado “acabar com o problema” de Jesus, se tornou a ponte através da qual Ele chega a todos os homens, de todas as culturas e de todos os tempos, mas também porque o que tinha sido instrumento de opróbrio se tornou o que é agora—o único motivo da nossa esperança, a esperança da glória.

Ao ocupá-la, Jesus transformou a cruz. Venceu a morte, o resultado nefasto do pecado (Romanos 5:12), abraçando-a. Porque Ele a venceu, também os que com fé e humildade seguimos os Seus passos, a venceremos. “Assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim, também, todos serão vivificados em Cristo” (I Coríntios 15:21,22).

Com razão cantamos a cruz. Com quanta razão nos momentos de angústia ou aflição a nossa mente pinta nas paredes da alma não Cristo ensinando junto ao mar, ou curando enfermos, mas morrendo na cruz! Em voz baixa atrevemo-nos a dizer: “... foi por mim”.

No coração da nossa fé está uma cruz, a de Jesus Cristo. Somos salvos pelo que aconteceu nela, a maior manifestação da graça. Sem a cruz de Cristo não há salvação. Mas há outra cruz para nós.

Outra cruz além da de Cristo? Sim. Além da cruz em que o Senhor morreu, o cristão tem a sua própria cruz. Se não podemos ler o evangelho sem deparar com a cruz de Cristo, também o não podemos fazer sem encontrar a nossa.

É muito significativo que a primeira vez que o Senhor anuncia a Sua morte (Mateus 16:21-24)—Sua morte de cruz—imediatamente declara que também há uma cruz para os Seus seguidores. A lição é óbvia: a cruz é a força de Deus que funda o reino, mas também se torna a norma de vida para os cidadãos desse reino. Ele morreu sobre a cruz; nós temos de viver com ela. A Sua cruz faz-nos cristãos, a nossa identifica-nos como tais.

E, sem que haja a menor dúvida, a nossa cruz não é parte da de Cristo. Ele a satisfêz por completo e o trabalho de Sua cruz foi, como Ele próprio anunciou, “consumado”. Kierkegaard comentou: “Na redenção não somos sócios; a culpa é toda nossa, o mérito é todo Seu”. A cruz do cristão é a própria; e representa a totalidade dos resultados de vida obediente e devota ao Crucificado.

Tudo isto nos conduz a áreas em que o Espírito Santo necessita fazer uma aplicação pessoal do que é a revelação do evangelho ao nosso íntimo. Quando fixarmos o nosso rumo para o Alto, quando decidirmos ter o melhor de Deus e dar-Lhe o melhor que somos, descobriremos a segunda cruz, a *nossa*. E Stanley Jones escreveu: “Se eu não tivesse cruz, oraria a Deus por uma”. Cada qual precisa de se perguntar se há uma cruz na sua vida.

Nenhuma das duas cruzes é opcional. Sem a primeira somos estrangeiros, afastados de Deus. Mas a segunda legitima o sermos seguidores de Quem morreu na primeira. Aceitámos o Seu estilo de vida; e o poder gerado na Sua cruz capacita-nos para levar, não arrastar a nossa. □ —SÉRGIO FRANCO

Este foi o desabafo triste e irónico dum eleitor desapontado.

No período que antecede as eleições, "slogans" diversos nas paredes, na rádio e na televisão aparecem para aliciar votos. São "frases promessas", prevendo melhoria de tudo: água para os bairros pobres, merenda melhorada nas escolas, transportes públicos, esgoto, etc. Entretanto, por circunstâncias actuais e pela distância que existe entre a teoria e a prática, as coisas não acontecem como se espera e as mesmas falhas se repetem, vêm as decepções. O desabafo acima passa a ser apenas mais um entre muitos ouvidos aqui e ali.

O apóstolo João (3:18) escreveu na sua primeira epístola que não devemos amar "de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade".

Tudo seria diferente se houvesse sinceridade, bom senso e amor real pelas pessoas. Uma das coisas mais edificantes deste mundo é ver ao menos alguém tentar fazer o que prometeu.

Com respeito à igreja, Stanley Jones disse: "O mundo espera que a Igreja Cristã seja diferente, e despreza-a quando isso não acontece". J. W. Chapman disse também que "um cristão deve ser um argumento irrefutável a favor da Palavra de Deus, uma repreensão para qualquer que viva em hipocrisia, um convite para quantos andem no pecado. Ele vive em boas relações com Deus e faz lembrar as palavras de Jesus".

Que palavras? Uma delas Nicodemos escutou com muita atenção: "Necessário vos é nascer de novo"; e outra foi dita aos discípulos: "Recebereis a virtude do Espírito Santo... e ser-me-eis testemunhas" (Actos 1:8). Nascer para ser testemunhas. Estas palavras são garantidas e provadas por todos os que creram. Milhares de vidas são mudadas para melhor cada dia, em todo o mundo, confirmando as palavras (promessas) de Jesus, "em quem não há mudança nem sombra de variação" (Tiago 1:17).

Diz-se que cada promessa de Deus descansa sobre quatro colunas tão fortes como os pilares do céu:

- Sua *justiça* e *santidade* não Lhe permitem errar;
 - Sua *graça* e *bondade* não Lhe permitem esquecer;
 - Sua *verdade* não Lhe permite mudar;
 - Seu *poder* permite-Lhe realizar o que prometeu.
- O que me deixa triste é ouvir alguém dizer:

"Fulano, não era crente?..." Noutras palavras: "Ele, então, não mudou?" Como o leitor frustrado, nós também ficamos como o veleiro no meio do oceano, parado, sem vento para ajudar.

A natureza nos ensina que há um tempo para a lagarta (taturana) rastejar pelo chão, um tempo da transição pelo casulo; mas, depois duma crise, uma linda borboleta estará esvoaçando pelas flores, numa demonstração maravilhosa de mais um milagre da Criação. O apóstolo Paulo nos diz que "se alguém está em Cristo nova criatura é..." Então acontece uma mudança para melhor, muito melhor: "As coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (II Coríntios 5:17). E logo se processa em actos de verdade resultantes do milagre do novo nascimento. Jesus entrou em casa de Zaqueu e a mudança para melhor aconteceu. Ela foi tão clara que Jesus exclamou: "Hoje houve salvação nesta casa" (Lucas 19:9).

Há em muitas igrejas o desejo de um avivamento.

Creio que isso aconteceria em pouco tempo se começássemos a pôr em prática os nossos "slogans" pronunciados junto do altar no fim do ano, nos cultos especiais e nas vigílias de oração. O avivamento deveria ser coisa natural nas igrejas quando devoção produz em nós uma emoção genuína. Mas, quando substituímos a nossa devoção pelas emoções, as mudanças para melhorar dificilmente aparecem.

Em Cristo a vida tem de mudar para melhor. Certa mulher italiana cujo marido tinha aceitado Jesus e se tornara crente, foi interpelada por uma vizinha:

"Então, é verdade que seu marido trocou de religião?" Ela respondeu prontamente: "Não, sua religião é que o mudou! Você precisa vê-lo, já não vem para casa embriagado, não diz palavrões, não fuma, é carinhoso. Os meninos dizem que agora não têm vergonha do pai".

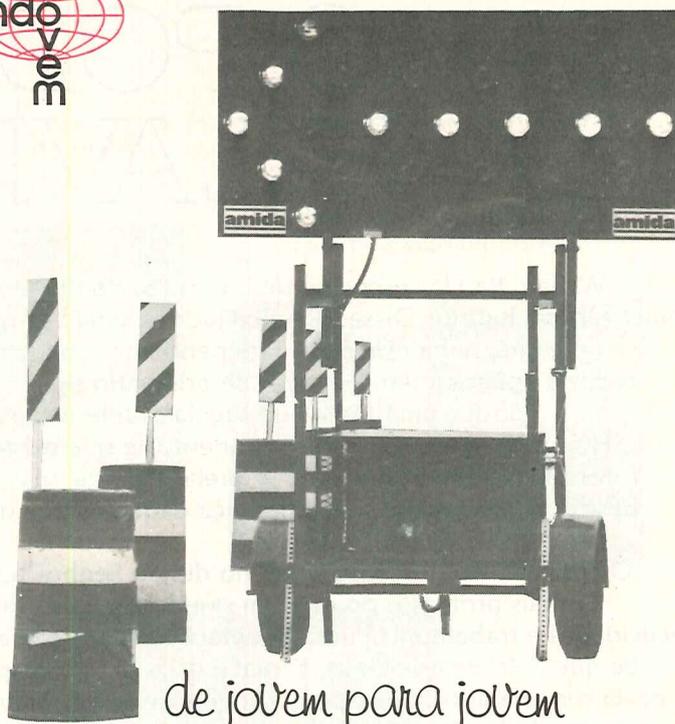
Em Cristo a mudança é sempre para melhor. O apóstolo Paulo explicou-o desta forma: "Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida" (Romanos 5:10). De sorte que podemos dizer com toda a reverência: O *Prefeito da nossa alma* é digno de maior confiança; por isso, ousamos declarar: "O Senhor é o meu ajudador, e não temerei" (Hebreus 13:6). Confiemos n'Ele! □

não me disseram que tudo ia mudar?

—EUDO T. DE ALMEIDA



o mundo
é jovem



de jovem para jovem

I. Prudência

Certa igreja deparou com um problema na congregação. Uma jovem, criada aos pés do Senhor, tomou a iniciativa de evangelizar os companheiros de trabalho nas horas de descanso. Iniciativa louvável, se ela tivesse sido prudente. Infelizmente, acabou por dar um passo em falso. O romance escandalizou a todos.

Uma obra de arte pode ser restaurada, mas jamais será tão perfeita como a obra original. A prudência e os cuidados para a devida preservação podem evitar a necessidade de restaurar o danificado.

Nós fomos moldados com o sangue, o suor e as lágrimas de Jesus Cristo, que Se deu para fazer-nos uma obra-prima. A única maneira de preservar nossa vida e qualidades espirituais é através da vigilância e da oração, para não cairmos na hora da tentação.

II. Brincando de herói

Quando eu era garoto, filho de pais crentes, muitas vezes jovens ex-viciados vinham à igreja com grupos de recuperação fazer programas.

Como era gostoso ouvir da obra restauradora que Jesus Cristo fizera libertando-os de drogas! Eu ficava sonhando com os meus heróis ex-viciados que podiam dizer que tinham vencido as drogas e o pecado.

A ênfase à vida passada era tão grande que eu, menino imaturo, quase caí nas drogas quando entrei na adolescência. Isso, simplesmente porque achava bonito e sonhava poder um dia também testemunhar na igreja quão terrível havia sido antes de me converter.

O testemunho não deve glorificar um passado pecaminoso, mas realçar a bênção presente.

Nós temos uma grande responsabilidade ao testemunhar. Que seja para edificação e jamais para destruição! □

—LUIZ CARLOS R. OLIVEIRA

O PODER DA PALAVRA

—C. NEIL STRAIT

William Barclay escreveu muito acerca do poder das palavras entre o povo hebreu. Disse: "Para os judeus, uma vez que a palavra era dita, tinha existência independente. Uma palavra não se reduzia apenas a um som com determinado significado; era um poder, uma força que seguia avante e causava efeitos."

Hoje, o foco dos nossos pensamentos é que existe não só um descanso (físico) sabático das tarefas da vida, mas também um descanso espiritual que é a herança daqueles que desfrutaram de vida santa.

O conceito do descanso físico no dia do Senhor tem propósito mais profundo do que um simples repouso ou isenção de actividades e trabalho. Há uma orientação bíblica que apoia a ideia de que a Palavra de Deus, à qual é dada a única exposição—ou devia ser—na adoração e pregação, concede "descanso" à alma e ao corpo do homem. Estar em paz com a Verdade é ter descanso.

Este pensamento conduz, além disso, a uma vida santificada. Pois, na vida santificada "acha-se a Verdade". Consequentemente, há "descanso" quanto a factores que podiam provocar ansiedade.

Especificamente, quando relacionado com o pecado. Antes da conversão e da purificação causada pela obra da santificação, trava-se luta na alma entre o certo e o errado. Porém, quando a Palavra de Deus tem proeminência, como acontece no coração santificado, a questão do pecado é resolvida, achando-se descanso. A dificuldade e a inquietação das trevas são dissipadas pela luz.

A vida com a sua excitação relativa a experiências, problemas e relacionamentos, encontra a resposta, em parte, na Palavra do Deus eterno. E a Palavra de Deus é sem igual, "uma palavra com poder, uma força" que continua a gerar descanso no coração dos crentes. □



CHINA

—STEVE WEBER

China Continental... que país incrível! Um país a despertar: 67 milhões de televisões, aumentando para 135 milhões em 1990. Quinhentos e sessenta mil estudantes no primeiro ano da universidade; e estão a ser instaladas comunicações telefónicas directas em várias cidades da costa. Literalmente, a China terá um quarto da população mundial no século XXI.

Estou ansioso por saber como responderá a igreja. Certamente caberá uma grande parte aos Ministérios Compassivos Nazarenos qualquer tentativa para a Igreja do Nazareno regressar à China. A nossa primeira entrada foi em 1914, com um hospital em Tamingfu. Nesse hospital muitas vidas foram salvas e pessoas introduzidas à mensagem da santidade, graças a servos de Cristo que apresentaram o evangelho através de missões médicas. O potencial para um ministério no continente chinês é deveras surpreendente.

Ao pensar no hospital nazareno de Tamingfu, China, não seria má ideia recordar o compromisso actual nazareno de missões médicas. A igreja dirige três hospitais importantes: na Suazilândia, África; em Kudjip, Papua—Nova Guiné; e em Washim, Índia. Além disso, existem à volta do mundo dezenas de dispensários, clínicas, postos de socorro, clínicas ambulantes e diversos ministérios de cuidado preventivo.

Às vezes, quando vejo o nível tremendo de dedicação do pessoal médico nazareno missionário e nacional, no meio de tanta falta de remédios e de equipamento, sou tentado a perguntar: "De quem são esses





voluntários por parte de profissionais de saúde nazarenos e oferta de equipamento e remédios.

Antes de enviar por correio medicamentos com prazo

com o que precisam. Talvez isto possa ser dito da seguinte forma: podemos facilitar a tarefa das nossas instituições médicas e aumentar a sua eficácia nas missões ampliando o envolvimento da igreja local.

Estamos actualmente a



hospitais? Não saberão os crentes que tais edifícios são indicações claras do compromisso da igreja (ou falta dele) para com esses povos?"

Quando regresso à minha pátria, deparo com certo sentimento por parte de alguns nazarenos: "Não poderíamos entregar os nossos hospitais ao governo desses países?"

Aproveito este ensejo para lembrar a todos que esses hospitais são *nazarenos*. Realmente, cada um deles tem um subsídio limitado do governo, mas o pessoal, a conservação e os programas religiosos são da responsabilidade da Igreja do Nazareno. Muitas das necessidades poderiam ser supridas por uma nova "posse" dessas propriedades por todos os membros da igreja. Não me refiro às finanças do Orçamento Geral; obviamente, estamos a fazer tudo ao nosso alcance para prover os fundos necessários. Não. Refiro-me a coisas como apoio de oração, compromissos



expirado para Ministérios Compassivos, sejamos realistas. Na maior parte dos casos, os medicamentos e apetrechos podem ser comprados mais rapidamente e a um preço mais efectivo na região onde se encontram localizados os hospitais. Por exemplo: o equipamento da Austrália pode servir bem em Papua—Nova Guiné.

Todavia, em muitos casos podemos usar equipamento e outro material oferecido. A solução não é enviar as nossas sobras mas, em vez disso, suprir os nossos ministérios médicos

expandir o nosso envolvimento médico em Papua—Nova Guiné, Haiti, Suazilândia e outras áreas do globo. Os edifícios e seus apetrechos são nazarenos, o pessoal é nazareno e a base de apoio é nazarena. Se alguma vez esquecermos este facto, seremos culpados do acto mais opressivo: enviar missionários para uma tarefa sem que lhes forneçamos apoio adequado.

Enquanto sonhamos com o dia em que Deus reabrirá as portas da China, talvez através dos Ministérios Compassivos Nazarenos, pensemos também no nosso empenho médico actual: centenas de nazarenos dedicados que, literalmente, estão "sendo Jesus" para centenas de milhares de pessoas necessitadas à volta do mundo. Poderemos fazer mais por elas? Poderemos envolver-nos mais pessoalmente nas missões? Da minha parte, sei que certamente posso fazer mais. E você?

a pedra removida

“Quem me revolverá a pedra?” pergunto eu na minha angústia vendo já a sombra do gigantesco obstáculo que me vai barrar o caminho e que a minha fragilidade jamais poderá vencer. Mas eis que, ao chegar, descubro que um anjo já me precedeu e o obstáculo deixou de existir! Ah, pudesse o milagre de ontem trazer-me a sabedoria que hoje preciso! Pudesse cada nova dificuldade trazer-me à memória a pedra removida, lembrar-me como eram infundados os meus receios!

E o jovem dentro do sepulcro? Serenamente sentado no túmulo vazio, ele representa a eterna juventude, a vida e a formosura que não se apagam e se afirmam no próprio reino da podridão! É a vitória que eu espero! “Num abrir e fechar de

olhos... os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados”¹ Em Cristo, por quem Deus “nos dá a vitória”² sobre a morte, este nosso corpo “ressuscitará em incorrupção e... em glória”³ Nossa pode ser afinal, a beleza imortal consubstanciada no anjo que, no próprio antro da morte, anuncia a ressurreição!

Mas a glória que me espera pode envolver-me já na sua forte realidade! Da eternidade me vem a alegria que dá sentido a cada momento que passa. As próprias folhas que vejo tombar me falam da esperança que não morre e da certeza que vento algum pode abalar. □

¹ I Cor.15:52; ² I Cor.15:57; ³ I Cor. 15:42,43
(De Meditação Diária)

LEITURAS BÍBLICAS DO MÊS

1 I Samuel 21—24	9 II Samuel 19—21	16 Salmos 16—18	23 Salmos 37—39
2 I Samuel 25—28	10 II Samuel 22-24	17 Salmos 19—21	24 Salmos 40—42
3 I Samuel 29—31	11 Salmos 1—3	18 Salmos 22—24	25 Salmos 43—45
4 II Samuel 1—4	12 Salmos 4—6	19 Salmos 25—27	26 Salmos 46—48
5 II Samuel 5—8	13 Salmos 7—9	20 Salmos 28—30	27 Salmos 49—51
6 II Samuel 9—12	14 Salmos 10—12	21 Salmos 31—33	28 Salmos 52—54
7 II Samuel 13—15	15 Salmos 13—15	22 Salmos 34—36	29 Salmos 55—57
8 II Samuel 16—18			30 Salmos 58—60

Versículo Bíblico:

“Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto.”



Pedidos de Oração:

1. Ore e participe na Oferta de Páscoa para o evangelismo mundial.
2. Ore pelos que descerão às águas do batismo e serão recebidos como novos membros de igreja.
3. Ore pelos nazarenos de Moçambique e seu esforço de proclamar o Cristo Vivo a despeito dos dias difíceis que atravessam.
4. Ore pelas universidades nazarenas, seus professores e milhares de alunos.
5. Ore pelo seu pastor e família. Deixe-lhes saber que intercede regularmente por eles a Deus.

PERGUNTAS

✓ Será permitido à pessoa que fuma, vai ao cinema e dança pertencer à junta da igreja? Quando professores da Escola Dominical e membros da junta organizam recepções de casamento onde se servem bebidas alcoólicas e se baila, deverá um pastor nazareno presidir às cerimónias de casamento e assistir à recepção?

✓ Poderá uma pessoa não salva participar na Santa Ceia? Explique-me, por favor, o que significa "examinar-se a si mesmo".

✓ Seria Melquisedeque um sacerdote doutra raça ou tribo servindo o mesmo Deus de Abraão, com um sacerdócio muito superior ao que Deus concedeu mais tarde aos descendentes de Abraão? Ou seria simplesmente Cristo, no mesmo sentido em que apareceu na fornalha ardente com os jovens hebreus?

E RESPOSTAS

Creio que você sabe realmente qual a resposta à sua pergunta—*não*.

Os pastores, os membros da junta e os professores da Escola Dominical devem ser cristãos exemplares, leais aos padrões de doutrina e ética da nossa igreja.

Como é que pessoas que violam esses padrões são eleitas para a junta ou nomeadas para ensinar? Onde a membresia votar a favor de tais pessoas ocuparem lugares de responsabilidade, há grande necessidade—entre outras coisas—dum reavivamento de integridade e coragem.

Muitas pessoas não salvas têm tomado os elementos da Santa Ceia, aliás, como muitas outras têm sido batizadas.

Creio que você quer dizer: "Deveria uma pessoa não salva participar na Santa Ceia?" Nesse caso, a minha resposta é não; a menos que a pessoa esteja convicta de seus pecados, precise do Senhor e tome a Santa Ceia como um acto de fé na morte redentora de Cristo, proclamada no culto de Santa Ceia. Em tal caso, a comunhão funcionaria como um ritual de "conversão".

Esses eventos serão raros, mas possíveis, pois o Senhor é o Hospedeiro na Sua Ceia e podia oferecer-se a Si mesmo, na graça redentora, ao recipiente arrependido e crente.

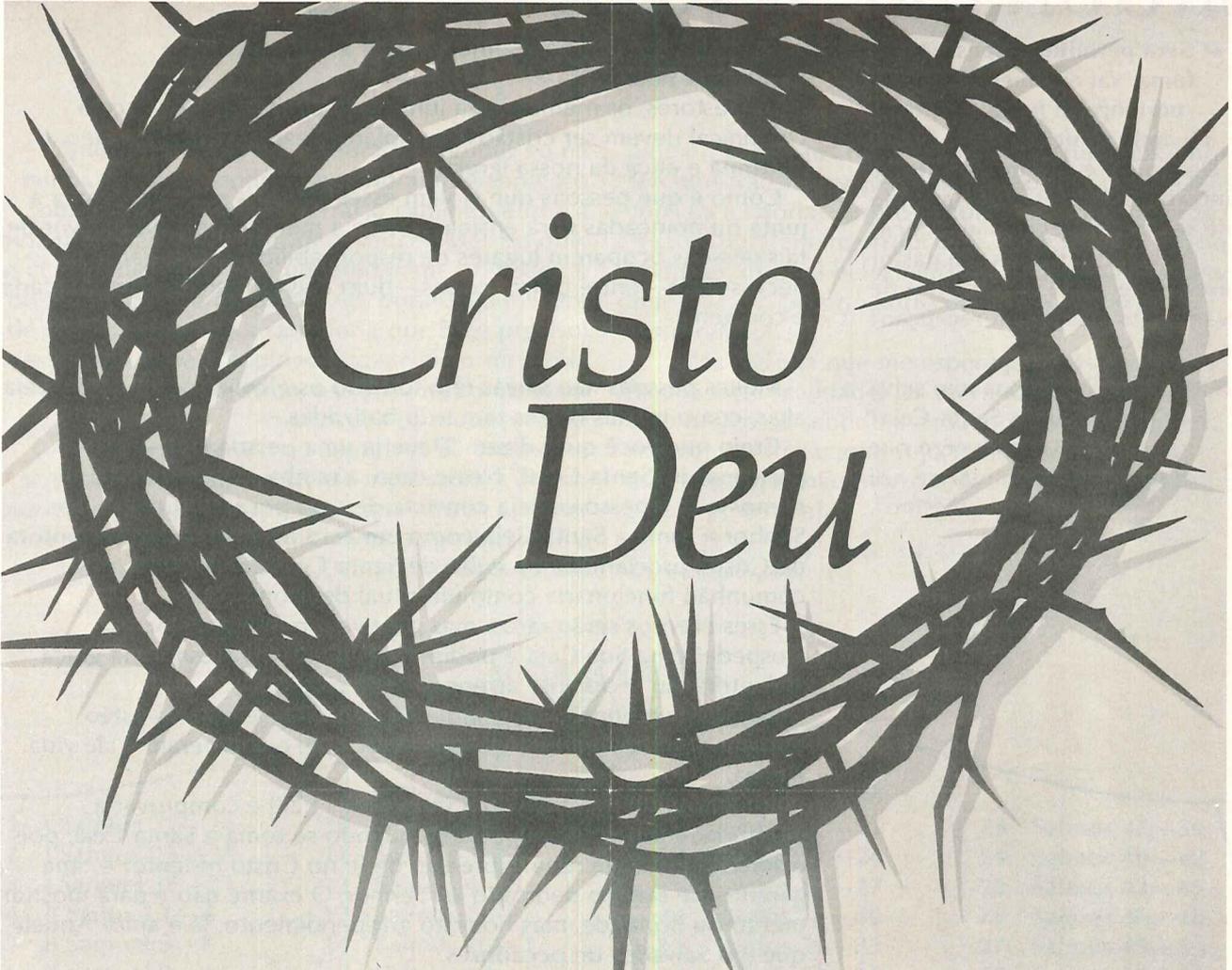
Porém, a comunhão é geralmente para aqueles que já estão relacionados com Cristo, que já crêem n'Ele e receberam d'Ele vida eterna.

"Examinar-se" a si mesmo (I Coríntios 11:28) é comprovar a sinceridade dos motivos pessoais quando se toma a Santa Ceia; pois é verdadeiramente uma expressão de fé no Cristo redentor e uma garantia de serviço dedicado ao Senhor. O exame não é para mostrar mérito ou bondade, mas honesto arrependimento, fé e amor Àquele que é o Salvador de pecadores.

Melquisedeque era o rei-sacerdote de Salém e um adorador do verdadeiro Deus, El Elyon, a quem Abraão também conhecia como Yahweh. O facto de ter Melquisedeque abençoado Abraão e recebido dele dízimos, é usado pelo autor de Hebreus para afirmar a superioridade de Melquisedeque sobre o patriarca Abraão. O facto de Abraão lhe ter dado dízimos evidencia que Melquisedeque era, realmente, um sacerdote do Deus vivo e verdadeiro, que tinha dado vitória a Abraão na batalha narrada em Génesis 14.

Tudo o que eu li nas Escrituras Sagradas e nos escritos dos estudiosos da Bíblia me convence de que é melhor ver Melquisedeque como uma "figura" de Cristo do que como Cristo numa aparição pré-encarnação.

Alguns comentadores bíblicos afirmam que pela conquista de Jerusalém (que eles identificam com Salém, apoiando-se em argumentos das Escrituras e da arqueologia), por Davi, a casa de Davi herdara a dinastia de rei-sacerdote de Melquisedeque. Quer tal hipótese seja aceite ou não, Davi refere-se à vinda do Messias como Alguém maior do que ele, "Um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque" (Salmo 110:4). Jesus Cristo, o Messias, é o Filho de Davi e um Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, com um ministério eternamente efectivo, pelo qual Ele salva quantos vêm ao Pai por Ele (Hebreus 7:1-28).



*Cristo
Deus*

*Para Que o
Mundo Conheça*

Oferta de Páscoa para Evangelismo Mundial

I G R E J A D O N A Z A R E N O

P. Lohm USA

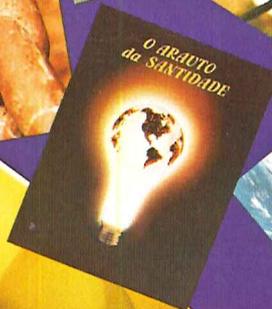
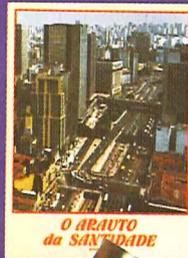
Oito dias depois, estavam outra vez os seus discípulos dentro, e com eles Tomé.



Chegou Jesus, estando as portas fechadas, e apresentou-se no meio, e disse: Paz seja convosco. Depois, disse a Tomé: Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; e chega a tua mão, e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. Tomé respondeu, e disse: Senhor meu, e Deus meu. Disse-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram.

(S. João 20:26-29)

ASSINE HOJE



O ARAUTO da SANTIDADE

- Artigos inspiradores
- Informações básicas
- Páginas especiais para **jovens, devoção familiar, missões, perguntas e respostas, notícias**
- Mantenha-se em dia com a vida e o espírito da Obra de Deus à volta do mundo.